

## AS MULHERES ZAPATISTAS DIANTE DO TEMPO: a arte decolonial como caminho para os estudos em Arte na América Latina

LAS MUJERES ZAPATISTAS FRENTE AL TIEMPO: el arte decolonial como camino para los estudios en Arte en Latinoamérica

ZAPATISTA WOMEN IN THE FACE OF TIME: decolonial art as path to art studies in Latin America

Nathane Alves Cruz<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-1219-3992>

Alexandra Resende Campos<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0457-408X>

### Resumo

Considerando a necessidade de propostas educativas que dialogam de maneira horizontal e democrática com outras formas de saberes, o objetivo deste artigo é apresentar perspectivas de decolonização dos currículos escolares a partir da arte das mulheres zapatistas, que vivem nas montanhas do sudeste do México de maneira autônoma e anticapitalista. Entende-se que a história sempre foi contada sob a ótica colonizadora e pelos que detiveram o poder. Portanto, torna-se urgente legitimar a arte como um instrumento historiográfico que contribua significativamente para a construção da identidade latino-americana. A arte das mulheres zapatistas será apresentada enquanto aporte teórico para contribuir nos estudos de arte no Brasil, sob o contexto latino-americano, contemplando a Educação Básica. Este estudo apoia-se no conceito de Ecologia dos Saberes, do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007), bem como no Epistemicídio, aprofundado por Sueli Carneiro (2005). Tal estudo foi inspirado nas vivências de uma das autoras no México, em 2017, quando conheceu o movimento e pode vislumbrar um outro mundo possível, um mundo onde caibam todos os outros.

**Palavras-chave:** Decolonização dos Currículos. Ensino de Arte. Arte-Educação.

### Resumen

Considerando la necesidad de propuestas educativas que dialogan de manera horizontal con saberes diversos, el objetivo de ese artículo es presentar perspectivas de decolonización de los

---

<sup>1</sup> Graduação em Artes Cênicas Licenciatura - Universidade Federal de Ouro Preto. Atuou como educadora popular na Escola Família Agrícola Paulo Freire (Acaiaca/MG) (2018-2020). É integrante do GiraCampo, Grupo de Pesquisa e Ação em Educação do Campo no Território dos Inconfidentes. E-mail: [nathane.alves@hotmail.com](mailto:nathane.alves@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação - Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (DEEDU-UFOP). Linha de pesquisa Diversidade, Desigualdades Sociais e Educação. E-mail: [alecampos.resende@gmail.com](mailto:alecampos.resende@gmail.com)

### Como referenciar este artigo:

CRUZ, Nathane Alves; CAMPOS, Alexandra Resende. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-25, 2021.

DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.6532>

currículos escolares desde el arte de las mujeres zapatistas, que viven en las montañas en el sureste de México de manera autónoma y anticapitalista. Se comprende que la historia siempre fue narrada por los que detuvieron el poder. Por lo tanto, se hace urgente legitimar el arte como un instrumento historiográfico que contribuya para la construcción de la identidad latinoamericana. El arte de las mujeres zapatistas será presentado como una contribución teórica para los estudios de arte-educación en Brasil, destacando el contexto latinoamericano, contemplando la Educación Básica. Ese estudio se basa en el concepto de Ecología de los Saberes, del sociólogo portugués Boaventura Sousa Santos (2007), bien como el Epistemicidio, profundizado por Sueli Carneiro, siendo inspirado en las vivencias de una de las autoras en México, en 2017, cuando conoció el movimiento y pudo soñar con un otro mundo posible, un mundo donde quepan todos los otros.

**Palabras clave:** Decolonización de los Currículos. Enseñanza del Arte. Arte educación.

### **Abstract**

Considering the need for educational proposals that dialogue horizontally and democratically with other forms of knowledge, the objective of this article is to present perspectives of decolonization of school curricula through the art of Zapatista women, who live in the mountains of southeastern Mexico in an autonomous and anti-capitalist way. It is understood that history has always been told from the colonizing perspective and by those who held power. It becomes urgent to legitimize art as a historiographical instrument that contributes significantly to the construction of Latin American identity. The art of Zapatista women will be presented as a theoretical aid to contribute to art studies in Brazil, under the Latin American context, contemplating Basic Education. This study is based on the concept of Ecology of Knowledges, by the Portuguese sociologist Boaventura De Sousa Santos (2007), as well as on the Epistemicide, deepened by Sueli Carneiro (2005). This study was inspired by the experiences of one of the authors in Mexico, in 2017, when she learned about the movement and could glimpse another possible world, a world where everyone else fits.

**Keywords:** Decolonization of Curricula. Art teaching. Art-Education.

## **INTRODUÇÃO**

Existem inúmeros questionamentos acerca dos campos epistemológicos que são explorados e legitimados dentro das escolas e universidades. É possível citar o apagamento dos saberes de povos historicamente marginalizados, refletindo em uma educação e um currículo escolar hegemônico, que não contempla a diversidade das culturas latino-americanas e não dialoga com a pluralidade dos contextos.

Nos cursos de licenciaturas é comum encontrar uma quantidade expressiva de referenciais teóricos de origem estrangeira, em sua maioria europeia e estadunidense. Existe uma lacuna de conhecimentos que dialogam com as experiências socioculturais dos estudantes. No contexto brasileiro, marcado fortemente pela cultura indígena e africana, ainda é um desafio garantir a efetivação da Lei 11.645/2008 que trata da obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas públicas e privadas.

Arroyo (2015), ao apontar as dificuldades de quebrar as grades do currículo escolar para a inserção de outros conhecimentos, destaca que o currículo tem sido um espaço de ocultamento de saberes de diferentes grupos sociais, como os camponeses, quilombolas, ribeirinhos e indígenas.

A partir do pensamento de Boaventura Santos (2007; 2009) e Sueli Carneiro (2005), é possível vislumbrar uma perspectiva do conhecimento, uma epistemologia, que seja coerente com a nossa história, revendo o processo de colonização e dando lugar aos nossos conhecimentos, que são diversos e não se limitam ao campo da leitura e da escrita, tampouco às referências europeias. O epistemicídio Carneiro (2005) se encarregou, também, das artes e só pode ser desconstruído a partir da perspectiva decolonial do conhecimento, que se dá “[...] num processo dinâmico, [...] de visibilidade das lutas contra a colonialidade, de pensar na estruturação de outros modos de viver, de possibilitar críticas ao eurocentrismo por parte dos saberes silenciados [...]” (POSO; MONTEIRO, p. 2, 2021).

A perspectiva hegemônica e colonial nos currículos escolares evidencia-se em várias áreas do conhecimento. No ensino de artes é possível levantar uma série de problematizações: a predominância dos artistas e obras estrangeiras; a propagação da existência de uma “cultura legítima”; uma visão reducionista que limita as aulas as atividades de desenho e pintura; a invisibilidade das manifestações artísticas nacionais e regionais, entre outros aspectos. Nesse processo de ocultamento de saberes, os conhecimentos oriundos da América Latina, também são subalternizados em virtude do predomínio da vertente eurocêntrica.

Considerando a necessidade de propostas educativas que dialogam de forma horizontal e democrática com outras formas de saberes, o objetivo deste artigo é refletir sobre a supremacia eurocêntrica no campo das artes e apresentar perspectivas de decolonização dos currículos a partir da arte das mulheres zapatistas. Este estudo foi inspirado através da imersão da primeira autora do presente artigo, no contexto do movimento das mulheres zapatistas – mulheres indígenas e artistas.

A primeira autora participou, no ano de 2017, do Programa de Mobilidade Acadêmica Brasil-México (BRAMEX). O programa foi uma parceria entre a UFOP e a

Universidad de Colima e contava com bolsa de estudos<sup>3</sup>. Durante o intercâmbio, ficou evidente a hegemonia do conhecimento europeu e estadunidense dentro da academia. No entanto, existia um espaço significativo no que se refere a valorização da cultura local: sapateados mexicanos; os costumes ancestrais como a culinária mexicana, entre outros. O contato com os povos zapatistas estabelecidos durante a participação no festival *CompArte por la Humanidad* (2017), ilustrou com clareza tal valorização.

Ainda que se trate de uma pequena parcela da população, é de fato uma experiência de povos que valorizam sua própria cultura e vivem de maneira autônoma e anticapitalista em seus territórios chamados *caracoles*, conquistados em 1994, escrevendo, pintando, bordando, cantando, dançando e encenando sua própria história. As mulheres, por sua vez, tratam de recortar suas temáticas e são um exemplo de organização feminina que caminha junto às demais pautas do movimento. Certamente não seria possível fruir dessa arte, nem por registros, nas aulas na universidade e/ou qualquer galeria e museu mundo afora. A arte zapatista é apresentada como a expressão essencial aos povos, e que aliada às lutas e à educação, mostra caminhos para a compreensão da nossa história, um meio de produção de conhecimento.

Este estudo está pautado no pensamento de que toda produção do conhecimento é carregada de posições políticas e hierárquicas que excluem outros conhecimentos que não se apresentam favoráveis ao sistema. Estes conhecimentos, historicamente apagados, não são interessantes por reverem o grande histórico de opressão na América Latina, buscando a libertação e dignidade dos nossos povos. Demonstrando “[...] a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos” (GOMES, 2012, p. 102).

A arte das mulheres zapatistas, será apresentada como um exemplo de arte que traz à tona questões que tangem não só a vida daquelas mulheres e demais povos com

---

<sup>3</sup> Por se tratar de um estudo elaborado e sistematizado após a experiência do intercâmbio acadêmico, este trabalho não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. No entanto, foram tomados todos os cuidados éticos conforme descrito no verbete “Autodeclaração de princípios e procedimentos éticos”, publicado no e-book *Ética e pesquisa em Educação: subsídios*. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. *Ética e pesquisa em Educação: subsídios* – v. 1, p. 133, Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: [https://anped.org.br/sites/default/files/images/etica\\_e\\_pesquisa\\_em\\_educao\\_\\_isbn\\_fi\\_nal.pdf](https://anped.org.br/sites/default/files/images/etica_e_pesquisa_em_educao__isbn_fi_nal.pdf). Acesso em: 16 nov. 2021.

semelhante histórico de opressão sofrida no território latino-americano. Estes são todos os povos originários da América: Tzeltal, Tzotzil, Nahuatl, Quechua, Aymara, Zapoteco, Mapuche, Tcholes, Mixe, Guarani, Tarahumara, Ashaninka, HuniKui, Macuxi, Yanomami, Mbyás, entre muitos outros descendentes do povo africano e ameríndio. As expressões de insatisfação têm eclodido por toda *latinoamérica*, em uma busca pelo caminhar conjunto das lutas que estão, de alguma forma, ganhando visibilidade: há manifestações de povos da Amazônia, manifestações do povo nas ruas do Equador, Chile, Honduras, Porto Rico, é uma eclosão social diante das cruéis desigualdades sociais.

Sendo assim, a arte zapatista será discutida enquanto uma proposta decolonial de estudo da arte no currículo da Educação básica, pensando nas contribuições para a construção da identidade latino-americana.

## **1 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ZAPATISTA**

Os zapatistas, que se localizam nas montanhas do sudeste do México, no estado de Chiapas, são povos que têm buscado produzir uma outra História, uma anti-história (MÉNDEZ, 2018, p. 27), paralela à História oficial, em que não cabe a história dos povos originários. Deste modo, trazem à tona as questões indígenas que são vividas por elas/eles e diversos outros povos no México e na América Latina. A história do México é marcada por inaugurar as revoluções na América Latina. Emiliano Zapata foi um dos principais líderes e responsáveis pela organização do povo campesino no começo do século XX, dando nome ao movimento Zapatista da história recente e simbolizando “a destruição dos direitos conquistados pela ala revolucionária camponesa da revolução de 1917” (ABREU, 2019, p. 27), na figura de Zapata, que é a sua maior influência. O movimento, então, surgiu pelo contínuo descaso com os povos originários e também com os povos explorados nas cidades.

As mulheres e os homens zapatistas caminham na direção oposta aos ideais de manipulação e dominação do governo, apresentando e fomentando um projeto de autonomia, resistência e organização de seu povo. Após viverem anos em espécies de feudos, as chamadas fincas, sendo escravizados por donos de grandes proprietários de

terra e frente à ditadura do PRI<sup>4</sup>, que nunca incluiu as pautas dos povos originários em seus planos de governo, os zapatistas se rebelaram e hoje vivem de maneira independente. Nesta revolução armada, inédita na história do país, participou uma mulher guerrilheira, a comandante Ramona. Ela trazia em sua imagem a luta prematura das mulheres zapatistas, que criaram uma lei revolucionária de mulheres antes mesmo de 1994, reivindicando direitos básicos que não possuíam.

Desde 1994, vivem de maneira autônoma em seus caracóis – territórios dos povos zapatistas, onde desenvolveram um sistema próprio e contextualizado de saúde e educação. Seguiram na resistência, lutando pelo direito à autonomia, à terra e pela sobrevivência de sua cultura, enfrentando, ainda hoje, conflitos com grupos de paramilitares formados por povos indígenas não zapatistas em conchavo com o governo.

Seguiram construindo o caminho decolonial da coexistência, que tem como base o mantimento das multiculturas indígenas por meio de sua autonomia e reconhecimento nacional, não visando a tomada do poder. Por meios burocráticos e independentes, promoveram diversos eventos e congressos que tiveram como objetivo discutir constantemente as estratégias de luta destes povos, que se regem pelos seguintes princípios: 1- servir e não ser servido, 2- representar e não substituir, 3- construir e não destruir, 4- obedecer e não comandar, 5- propor e não impor, 6- convencer e não derrotar, e 7- descer e não subir.

São referência enquanto movimento de luta pelos povos originários e pela reforma agrária, tendo aliados em todo o mundo. Entre os aliados destaca-se La Via Campesina<sup>5</sup>, que reúne todos os povos que lutam pela terra; pela proteção à terra e pelo respeito à natureza e aos povos que a cuidam, incluindo o MST. Soma-se também a solidariedade de lideranças políticas, religiosas, grupos de antropólogos, historiadores, entre outros que compõem os diversos coletivos de apoio ao Exército Zapatista de Libertação Nacional - EZLN, formando uma rede internacional.

<sup>4</sup> Partido Revolucionário Institucional que esteve no poder presidencial do México de 1929 até 2000.

<sup>5</sup> Movimiento Campesino Internacional, La Via Campesina é formada por 182 organizações em 81 países que se organizam e se solidarizam na luta pelos direitos dos camponeses e camponesas e pela terra, pela água e pelos territórios, sendo um movimento de massas de base cuja vitalidade e legitimidade provém das organizações campesinas a nível de base. O movimento se baseia na descentralização do poder entre todas suas regiões. A secretaria internacional gira de acordo com a decisão coletiva realizada a cada quatro anos na Conferência Internacional.

## 2 A ARTE DAS MULHERES ZAPATISTAS CAMINHA COM A LUTA: RUMO À TERRA E AO CORAÇÃO

**Fotografia 1** - Mulheres zapatistas durante o II *CompArte Por la Humanidad* (2017).



Fonte: arquivo pessoal.

As mulheres zapatistas compõem a luta maior dos povos Zapatistas, mas com suas especificidades. Essas mulheres, em seu cotidiano pautado na autonomia, reconhecem que sua participação é um tabu para a sociedade mexicana e objetivam enfatizar que ali buscam um fazer distinto. Elas lutam diariamente por seus direitos, têm conseguido reconstruir sua própria cultura, valorizando o que há de benéfico para elas e para todo o povo zapatista, eliminando o que as diminui e as violenta.

Assim, faz-se necessário entender para além da igualdade de gênero da qual os feminismos compartilham. Para Mendoza (2010), Miñoso (2010) e Marcos (2014) é preciso compreender o feminismo indígena, a presença da mulher nesta sociedade que se baseia em uma cosmovisão antagônica ao mundo factível contemporâneo e às visões abrangidas por outros feminismos, que são pensados, de modo geral, a partir de uma visão eurocêntrica e urbana, marcada pela luta por maternidade voluntária e reconhecimento aos direitos reprodutivos, a luta contra a violência sexual e doméstica e os direitos das homossexuais e lesbianas (TUÑÓN 1987 apud CASTILLO, 2001; MARCOS, 2014; LOURO, 2008; 1997). Ainda que as mulheres indígenas compartilhem algumas dessas demandas,

tem de fato enfrentado uma luta dupla, a da igualdade de gênero e a da justiça para os seus povos.

Talvez o ponto chave seja compreender a integralidade das lutas de grupos historicamente oprimidos e suas interseccionalidades, em que todos estão lutando por reconhecimento e dignidade. Angela Davis (2017, p. 17), ressalta que o esforço está para erguer-nos enquanto subimos, e “[...] devemos subir de modo a garantir que todas nossas irmãs, independente da classe social, assim como todos nossos irmãos, subam conosco”, mas sem deixar de abordar com seriedade “[...] as principais questões que afetam mulheres pobres e trabalhadoras [...]” (DAVIS, 2017, p. 18), e “[...] as preocupações específicas das mulheres de minorias étnicas” (DAVIS, 2017, p. 19), como é o caso das mulheres Zapatistas.

A arte feita por essas mulheres, apresentada nos festivais *CompArte por La Humanidad*, abordaram com muita poesia, dança, teatro e música as violências, o cotidiano dessas mulheres, trazendo suas lutas e transgressões. Os festivais aconteceram nos anos de 2016 e 2017, na Universidad de la Tierra (Universidade Popular dos Povos Zapatistas) e nos caracóis zapatistas, quando manifestaram o que os povos do EZLN têm entendido como política e forma de vida, tendo a arte como caminho para a construção de memória dos povos zapatistas. A arte como um caminho de luta, expressando toda resistência, autoconhecimento e conhecimento de sua história.

**Fotografia 2** - Portaria do II *CompArte por la Humanidad* (2017).



Fonte: arquivo pessoal.

Diversas obras foram apresentadas tendo como marca principal a coletividade, refutando a ideia de autoria individual da arte e do mundo contemporâneo em geral. A autoria é coletiva: usam, em sua maioria e em todas as obras escolhidas, “[...] que não nos

é dado conhecer sua cara nem seu nome verdadeiro” (ZAGATO; ARCOS, 2017, p. 80, tradução nossa). Usam apelidos, no caso das pinturas, e nas demais artes assinam com o nome do seu próprio caracol. Zagato e Arcos também colocam que:

No movimento zapatista, ao não obedecer aos modelos individualistas que exalta o sistema neoliberal nas artes (por exemplo, em suas formas de ficção subjetiva, fetichização da corporalidade individual, dúvidas existenciais), os temas são naturalmente coletivos, referentes à sua própria história de liberação, e aos aspectos concretos do seu sistema autônomo (ZAGATO; ARCOS, 2017, p 89).

A autoria coletiva indica, assim, uma subjetividade coletiva, onde o problema do sujeito é o problema do outro e não importa o protagonismo, o protagonismo é de todo o povo.

É notório que a arte se desenvolve de forma orgânica e intrínseca no cotidiano das mulheres e dos homens zapatistas, na medida em que as/os artistas não necessariamente se dedicam a esta área do conhecimento. A arte e a vida zapatista estão nitidamente integradas, como afirmou dois artistas entrevistados por representantes do jornal virtual *La Tinta* durante o primeiro *CompArte*, quando disseram realizar os processos artísticos durante mais ou menos duas horas após o trabalho, afinal, elas e eles não se dedicam a arte (CABRERA, 2017). É legitimamente uma arte decolonial expressando em suas obras sua autonomia frente ao sistema, tanto pelas temáticas quanto por sua forma, não é uma arte comercializada.

As temáticas são basicamente seus modos de vida, sua relação com a terra, mulheres lutando por seus direitos de igualdade, construídas sob estilos populares no México, como murais, no caso da pintura, e “*corridos*”, no caso da música, ressignificando a cultura popular mexicana. Todas elas estão contando, de alguma forma, a história destas mulheres que é diferente da história de outras mulheres mexicanas, indígenas ou não.

Nesse processo de significar o mundo através da arte, se evidenciam formas e recriam-se perspectivas sociais e simbólicas que podem interromper o “continuum da história”, parar o eterno presente, numa visão à contrapelo que busque pontos de fuga da atual tragédia que o progresso representa para a grande maioria dos vencidos da história (HILSENBECK, 2017, p. 90).

Através do *CompArte* foi possível entender que a produção artística zapatista perpassa um ofício: vivenciam a arte cotidianamente e trazem informações e questões importantes para a consolidação do movimento enquanto materialização de suas crenças e lutas, dando vida a sua história antes apagada, construindo conhecimentos desde o Sul (SANTOS, 2009).

**Fotografia 3** - Pintura “Autonomia mundial x capitalismo neoliberal”.



Fonte: Rádio Zapatista.

Dentre as diversas obras apresentadas nos festivais *CompArte por la Humanidad*, apresentaremos algumas neste artigo. Tais obras foram realizadas, em sua maioria, apenas por mulheres, mas boa parte tem o apoio dos homens ou o protagonismo compartilhado, pois compreende-se a necessidade de completude na presença do homem e da mulher, que tem o mesmo papel social, ainda reconhecendo a especificidade de funções. Este é o caso da música “*Mujer mujer*”, dedicada a todas as mulheres do mundo, que é cantada por homens e mulheres e traz em seus versos: “*hay que cantarlo y denunciarlo lo que passo con la vida de las mujeres hace ya muchos años... Segun las abuelas si ya lo recuerdan que los malditos patrones por sus decisiones les tomavan a fuerza*”, mostrando o que aconteciam com suas avós e avôs na chamadas fincas, bem como em outra canção “*Para que sepa el mundo entero*” e nas poesias “*Mujer valiente*” e “*La explotación y la rabia que se transforma em rebeldia*”. Nos trechos a seguir é possível perceber como esses povos se posicionam frente ao passado, além de relatarem as mudanças já ocorridas e como agem e lutam hoje por seus direitos, trazendo sua forma de vida atual:

*[...] Las mujeres eran muy explotadas por los trabajos de aquellos pinches patrones, ahora queremos que se olvide y nunca se recuerde. Que la mujer hoy estará siempre de frente, los tempos de la esclavitud ya se fueron, ahora queremos que para siempre se respete. ¡La tenemos que respetar! (Canção: “Para que sepa el mundo entero”, do caracol de Roberto Barrios).*

*Variados fueron los castigos que recibian nuestras abuelas y abuelos..les agarraban a chicotaza y a las mujeres les maltrataban un poco más por ser mujer, porque las violaban los malditos patrones. [...] Así van a seguir hasta que los capitalistas conviertan en rata e mundo entero. Si no nos organizamos como pueblo, resistència y rebeldía, serán nuestros passos (Poesia “La explotación y la rabia que se transforman em rebeldía”, do caracol de Morelia).*

O que há em comum entre estes trechos selecionados é uma leitura do presente que realiza uma releitura do passado, reconhece a colonização, as relações de poder e as possibilidades de mudança. Falam da escravidão, dos maus tratos ao mesmo tempo que falam de sua organização frente a esse olhar para o passado, demonstrando a refutação à ideia de progresso, que impede esse movimento de olhar e falar pelos que lutaram por nós. Estas palavras ecoam vozes silenciadas por anos, retratando as explorações sofridas pelas mulheres e por todo o povo, enaltecendo as questões de classe propostas pela estrutura do capital, onde sempre há a figura do explorado, no caso, os povos originários da América Latina.

Existe a proposta de uma visão histórica e particular do México, pautada na construção de um discurso bem consolidado na *práxis*. Entende-se que se existe um movimento de mulheres tão forte, é porque ainda existe a necessidade da luta pela liberdade e direitos:

*Por muchos años no tuvimos voz. Los malos gobiernos y el sistema capitalista aplastaron nuestros derechos solo por ser mujeres indígenas y mestizas. En esos años pasados no tuvimos la voz de gobernar. Gracias a la lucha armada estamos practicando nuestros derechos fundamentales para una sociedad digna y generosa [...] de la sombra de la oscuridad, nasce la claridad, la semilla de la palabra y el fruto de la libertad. Nosotras las mujeres zapatistas estamos practicando nuestros derechos fundamentales (Poesia “Mujer valiente”, do caracol de la Realidad).*

Na música “El maltrato y el derecho a las mujeres”, dançada por homens e mulheres, é possível observar o exercício dos direitos fundamentais das mulheres. Na cena, elas entram com vassouras, simbolizando o “seu lugar” na sociedade antes da luta zapatistas: dona de casa, numa condição servil na relação com o marido. Durante a apresentação, essas vassouras vão ganhando outras simbologias, como as armas utilizadas

na revolução zapatista de 1994, marcada pela presença das mulheres nas guerrilhas. Também utilizaram o objeto pra tocar os maridos que chegavam bêbados e, ao final, soltavam as vassouras e erguiam o punho direito para cima. A partir dessas imagens somadas à letra da música, que é uma narrativa da transformação da condição das mulheres zapatistas, é de fato criada uma narrativa de empoderamento. É trazida a situação de um passado recente, em que essas mulheres nem ao menos questionavam o seu ser mulher, eram maltratadas e violentadas física e verbalmente pelos homens (inclusive por seus pais e irmãos); não podiam participar das reuniões do movimento e, quando participavam, eram vítimas de piadas; não tinham direito à educação, à leitura, à aprendizagem do espanhol; tinham diversos conflitos com seus companheiros alcoólatras e que, a partir da organização das mulheres, culminada na Ley Revolucionaria de Mujeres, de 1993, passam a lutar por respeito, dignidade, pelo direito de responder por si, pela autonomia de seus corpos.

**Fotografia 4** – Música e dança “*El maltrato y el derecho a las mujeres*”



Fonte: arquivo pessoal.

Entretanto, ainda que o discurso e a prática tenham muita coerência, também existem contradições. Dentro dos festivais, em diversos momentos, é possível perceber que os homens usam expressões populares do México, como “*chinga su madre*” para expressar suas insatisfações, de modo a ofender seus opositores. Tal expressão apresenta um conteúdo extremamente machista, reforçando o lugar da mãe que é menosprezada, ainda que se acredite que não seja a intenção da frase.

De toda forma, a luta das mulheres zapatistas, expressa em seu cotidiano e em sua arte, apresenta impactos em outros territórios mexicanos e da América Latina, tendo catalisado e fortalecido os diversos movimentos de mulheres indígenas. Foi após a revolução de 1994, quando o EZLN reivindicou a autonomia de seus territórios, que mulheres indígenas factualmente tiveram suas vozes escutadas junto aos seus companheiros, sobretudo com a apresentação da *Ley Revolucionaria de Mujeres*, citada acima, que consta de dez pontos:

*Los derechos de las mujeres indígenas a la participación política y a los puestos de dirección, el derecho a una vida libre de violencia sexual y doméstica, el derecho a decidir cuantos hijos tener y cuidar, el derecho a um salario justo, el derecho a elegir com quien casarse, a buenos servicios de salud y educación, entre otros (CASTILLO, 2001, p. 218).*

O movimento, que teve uma dimensão internacional, começou a dar força para as especificidades destas mulheres que ao longo destes anos vêm tentando efetivar suas práticas enquanto mulheres livres. Entretanto, como ressalta Marcos (2014, p. 8), “*podemos prever que estas luchas no paran aquí. Es un proceso que sigue y sigue. Es también un proceso que se transforma*”, se fazendo constante a ação de rever os próprios limites de nossos olhares, utopias, explicações e projetos de sociedade.

Breny Mendoza (2010), pesquisadora argentina, após reiterar a carência de escritos feministas procedentes da América Latina, coloca que: “Esta concepção particular não pode ser puro pragmatismo, nem puro pensar, não pode se fazer de uma práxis se não através da produção de novas ferramentas conceituais sobre o sujeito, sobre a produção do sujeito e a atuação do poder” (MENDONZA, 2010, p. 5).

A mulher zapatista é diferente da mulher mexicana urbana e tem como foco a prática efetiva de suas buscas por igualdade. Dessa forma, Miñoso (2010, p. 8), a visão proposta possibilita a construção de novas subjetividades que falam desde a ferida colonial, fugindo a um eurocentrismo cravado na história oficial da América Latina, tendo a possibilidade de dar lugar à expressão dessas novas subjetividades fazendo das “*aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latino-americano un régimen de visibilidad*” fazendo-se “[...] *escuchar a quienes han quedado fuera de este*

regímen o em sus márgenes” (MIÑOSO, 2010, p. 9). Logo, se faz possível a construção anti-hegemônica dos movimentos de mulheres latinas.

Analisando a arte das mulheres, é possível perceber que os povos zapatistas constroem uma outra História, uma anti-história, trazendo à tona as questões indígenas, que são vividas por elas, por eles e diversos outros povos no México e na América Latina. Foi possível perceber a potência historiográfica de sua arte, entendendo que é um povo que constrói sua própria história – anticapitalista e autônoma – através da arte, que é parte essencial da cultura destes povos. É possível afirmar que as mulheres zapatistas estão seguindo pela lógica da Ecologia dos Saberes, de Boaventura Santos (2007, p. 25), que tem como “[...] premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico”, nos trazendo conhecimentos historicamente negados. Os festivais *CompArte por La Humanidad* foram acontecimentos importantíssimos para os povos zapatistas expressarem os novos rumos que o EZLN tem tomado frente às constantes ameaças à vida dos povos originários do México e da América Latina.

As mulheres zapatistas têm denunciado, através da sua arte, maus-tratos que estão diretamente relacionados com toda a América Latina. A partir do pensamento de Angela Davis (2017, p. 64), as mulheres afro-americanas, bem como as mulheres camponesas e indígenas, tiveram seus direitos feridos “[...] de modo intimidador pela proliferação da discriminação sexista e por ataques orquestrados à classe trabalhadora de todas as raças e nacionalidades [...]”, e, quando há essa percepção, “[...] percebemos que não estamos só em nossa experiência de sofrimento social” (DAVIS, 2017, p. 64).

A arte é, então, um meio de expressar tal clareza acerca da necessidade das lutas conjuntas, na busca por uma igualdade a partir da exaltação das diferenças e das especificidades dos grupos.

Fotografia 5 - Obras “Fuerza y resistencia de las mujeres” e “Casa de como mujeres que somos”.



Fonte: arquivo pessoal.

### 3. EDUCAÇÃO E IDENTIDADE LATINO-AMERICANA

A Educação seria o expoente máximo da legitimação dos saberes, visto que nos traduz a epistemologia que tem sido aceita e posta como verdadeira. Como aponta Santos; Meneses (2019, p. 15) “[...] é por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível”, logo é possível afirmar que, sendo as experiências sociais múltiplas e pautadas nas relações políticas e culturais, existem diferentes epistemologias, isto é, diferentes maneiras de se produzir conhecimento. O que se tem questionado é porque o conhecimento legitimado ignorou por anos, e ainda ignora, os diferentes contextos culturais, políticos e seus saberes, mantendo-se como uno e global às diferentes realidades. Santos, (2007) é notório o epistemicídio, conceituado e aprofundado por Sueli Carneiro a partir do pensamento de Boaventura Santos, sendo um processo que

[...] se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Percebe-se uma sinalização dos porquês os diversos conhecimentos dos nossos povos jamais tiveram lugar nos livros e nos currículos das escolas brasileiras e latinas. É indiscutível a existência de uma linha que divide os nossos conhecimentos como sendo um pensamento abissal:

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível (SANTOS, 2007, p. 3).

Do lado de cá da linha estaríamos nós, o Sul, a América Latina, continente das veias abertas, apresentando inúmeras semelhanças: a colonização de exploração, os processos de escravidão, a violação dos povos originários que já estavam aqui antes da chegada de qualquer europeu, e a vinda violenta dos africanos que passaram a compor, também, esse cenário na América Latina, do lado dos oprimidos. Atualmente, estes povos são os que têm sofrido constantes ataques de autoridades e da sociedade, que se construiu a partir de conhecimentos que inferiorizam grupos que compõem a real identidade latino-americana. O próprio acesso à educação é limitado aos indígenas, onde a própria língua se apresenta como barreira global para tal, logo, seus conhecimentos tampouco são legitimados. O que temos visto nas escolas brasileiras é uma exclusão da comunidade negra, em que a escola não tem proposto, de modo efetivo, a conexão entre identidades e aprendizados. A educação e os conhecimentos que ali são produzidos e reproduzidos, a quem tem servido?

Faz-se necessário entender que o sistema no qual vivemos sustenta e, inclusive, depende das desigualdades sociais para se manter, logo, ainda que se apresente como emancipatório, não é efetivo na construção de um mundo igualitário. “A injustiça social global está, desta forma, intimamente ligada à injustiça cognitiva global” (SANTOS, 2007, p. 1). A globalização, que vem como um projeto positivo de nos conectar com o mundo, na verdade é a tentativa de equalização de modos de vida e legitimação de saberes que servem ao capital.

Diante de um mundo onde as relações se nivelam pelo poder, faz-se necessário questioná-lo, confrontá-lo em nossa ação. O intelectual e educador Paulo Freire já ressaltava que a construção de uma sociedade “menos feia e arestosa” está relacionada ao reconhecimento de “nós mesmos”. Freire (2009, p. 43) alerta que “a aprendizagem da

assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado”.

E já que estamos pensando a Educação como uma ferramenta de emancipação dos nossos jovens, devemos, enquanto educadores, repensar as nossas práticas em sala de aula, trazendo conteúdos que contribuam para a construção das identidades e pertencimento dos sujeitos. A partir destas constatações, o que se pretende é seguir pelos caminhos da Ecologia dos Saberes, que, segundo Boaventura Santos (2007, p. 26):

É basicamente, uma contra-epistemologia. O impulso básico que a faz emergir que resulta de dois factores. O primeiro é o novo surgimento político de povos e visões do mundo do outro lado da linha como parceiros da resistência ao capitalismo global, isto é, a globalização contra-hegemónica. Em termos geopolíticos, trata-se de sociedades periféricas do sistema mundial moderno onde a crença na ciência moderna é mais ténue, onde é mais visível a vinculação da ciência moderna aos desígnios da dominação colonial e imperial, e onde outros conhecimentos não científicos e não-ocidentais prevalecem nas práticas quotidianas das populações. O segundo factor é uma proliferação sem precedentes de alternativas que, contudo, não podem ser agrupadas sob a alçada de uma única alternativa global. A globalização contra-hegemónica destaca-se pela ausência de uma tal alternativa no singular. A ecologia de saberes procura dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo.

Dessa forma, no contexto latino-americano, seria possível olhar para os povos originários, bem como para os afrodescendentes, que compartilham contextos muito parecidos. Lélia Gonzalez, traz o conceito de amefricanidade, que nasce

[...] no contexto traçado tanto pela diáspora negra quanto pelo extermínio da população indígena das Américas e recupera as histórias de resistência e luta dos povos colonizados contra as violências geradas pela colonialidade do poder. A partir das resistências, como mecanismos estratégicos de visibilidade da história desses grupos, tem por objetivo pensar 'desde dentro' as culturas indígenas e africanas e, assim, afastar-se cada vez mais de interpretações centradas na visão de mundo do pensamento moderno europeu [...] (GONZALEZ, 2018, p. 969).

Seria possível pensá-la como uma identidade latino-americana a ser construída a partir do repensar epistemológico, que traz os saberes do Sul, os saberes indígenas, os saberes dos afrodescendentes para o centro de nossas pesquisas e estudos, enquanto proposta de resistência e luta pela legitimação dos nossos saberes. Ao pensar os currículos propostos na Educação Básica, facilmente constatamos o epistemicídio, postulado por Carneiro (2005), bem como percebemos que estão na contramão da proposta da Ecologia

de Saberes (SANTOS, 2007). Não apenas os conteúdos estão limitados, mas também as maneiras pelas quais conhecemos e aprendemos.

A arte, tem seu reconhecimento pautado, em sua maioria, a partir da ótica colonial. Mesmo que nos últimos anos tenha ocorrido uma transgressão no conceito de arte, sendo mais flexível e abrangente toda e qualquer manifestação que se denomine arte, torna-se necessário refletir sobre sua inserção no mercado. É também uma área que trabalha sobre a ótica paradoxal do capitalismo, que tem fomentado a arte questionadora e política, dando visibilidade à diversos grupos de mulheres, LGBTQIA+'s, negros, entre outros. Ademais, é importante não perder de vista o que afirma Louro (2008, p.21):

Se, por lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física.

São inúmeras as dificuldades enfrentadas no Ensino de Artes na Educação Básica, principalmente em relação a sua importância, legitimidade e inserção na matriz curricular. Mesmo com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 5.692/1971, que propôs uma valorização maior em relação ao ensino de artes, a proposta polivalente da Educação Artística, em que o professor deveria trabalhar conteúdos de diversas subáreas (música, teatro, artes visuais, etc.), mesmo não tendo todas as formações, trouxe “[...] um esvaziamento de conteúdos no campo das artes, o que conduziu gradativamente a uma interpretação de que o ensino da arte é qualquer coisa que deixe a aula mais descontraída e feliz” (BELLOCHIO, 2000, p. 93).

Apesar do reconhecimento enquanto área do conhecimento através da LDB nº 9394/1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, é possível notar uma desvalorização nas escolas em relação às outras áreas. O documento mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aborda as Artes considerando suas diversas linguagens (artes visuais, dança, música e teatro), deixando de lado a perspectiva polivalente verificada em documentos anteriores. No entanto, não existe um professor de teatro, outro de música e outro de artes visuais nas escolas.

Apesar dos marcos oficiais, as Artes seguem ocupando um lugar marginalizado, visto que não é obrigatória em todas as etapas da educação básica, além de ter uma carga horária mínima, a menor entre outras disciplinas. Sua função social e individual tem sido, muitas vezes, ignorada ou pouco explorada. O que temos percebido é a resistência na efetivação de um ensino de artes que considere sua relação intrínseca ao ser humano, que desde sempre canta, dança, encena, etc., de modo a buscar um lugar de reconhecimento da área (envolvendo diversas e profundas pesquisas) e não mais de entretenimento. Na verdade, o que se observa é um ensino de artes limitado e distante da realidade cultural e social dos educandos.

Ao analisar dois livros didáticos de arte para o Ensino Médio do ano de 2013 - “Arte e Interação<sup>6</sup>” e “Por toda pArte<sup>7</sup>” foi perceptível uma variedade de conteúdos que abordam a arte em uma perspectiva que ultrapassa a visão limitada de desenhos e elaboração de enfeites. Os livros apresentam uma perspectiva da arte como caminho de autoconhecimento e de expressão das emoções. No entanto, dedicam menos de dez páginas à cultura africana e dos povos indígenas, além de não apresentar nenhum artista/autor latino-americano, com exceção dos brasileiros que tem uma presença marcante. As referências são, em sua maioria, europeias e uma invisibilidade da arte latino-americana. Segundo o educador Eduardo Junio Santos Moura, trata-se de

[...] uma hegemonia euro/nortecêntrica que pouco ou nenhum sentido/significado traz para o (re)conhecimento das realidades – social, política, cultural, artística (em suas diversas expressões) – latino-americanas. [...] reflexo de uma formação docente na mesma perspectiva: reprodutivista, acrítica e apolítica; que reclama um pensar decolonial, que não significa a deslegitimação do conhecimento europeu/estadunidense, mas a legitimação de epistemologias outras (MOURA, 2016, p. 299).

A arte proposta nos livros didáticos voltados para o Ensino Médio, apesar dos avanços percebidos nos últimos anos, ainda é eurocêntrica e colonial. Não se trata de desvalorizar outras perspectivas artísticas, mas de compreendê-la como um instrumento fundamental de revisionismo histórico e sua função política, social e cultural. Não cabe apenas a pluralização da aparência, se inspirar em elementos indígenas ou africanos “sem

<sup>6</sup> Elaborado por Hugo B. Bozzano, Perla Frenda e Tatiane Cristina Gusmão.

<sup>7</sup> Elaborado por Solange Utuari, Daniela Libâneo, Fábio Sardo e Pascoal Ferrari.

abrir espaço para pensar a constituição de outros mundos da arte, de outros modos de fazer e pensar arte” (COSTA, 2018, p. 96).

A arte das mulheres zapatistas poderia, assim, ser utilizada como suporte teórico para discutir a descolonização dos nossos currículos, para promover a Ecologia dos Saberes (SANTOS, 2009). A arte, pensada a partir dessa perspectiva, existe pelo propósito de perpetuar nossas raízes, nossa ancestralidade, essa é a potência que enfocamos ao conhecer a arte das mulheres zapatistas – bem como a capoeira de Angola e o coco de roda. Existe a possibilidade de pensar classe, etnia e gênero juntos, entendendo os recortes necessários para uma luta coletiva. Freire já apontava que (2019, p. 37) “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. As zapatistas nos mostram, então, como juntar arte, corpo, expressão, política e história: JUNTAS! É a resposta à hegemonia artística, europeia, feita em sua maioria por homens, onde a mulher foi historicamente representada a partir do olhar masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após constatar o doloroso processo de opressão sofrido pelos diversos povos da América, desde os povos originários até os povos africanos e perceber os reflexos das injustiças no campo epistemológico, reafirmo a visibilidade dos conhecimentos do Sul, que se “[...] assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha [...]” (SANTOS, 2007, p. 72).

É necessário refletirmos constantemente sobre o que temos trabalhado em sala de aula e o que os conhecimentos construídos nesses espaços contribuem para a emancipação dos sujeitos, que podem se reconhecer ou não no que está sendo estudado. A partir de tal reflexão, Muller, (2018, p. 39) é possível vislumbrar a perspectiva decolonial do conhecimento, em que nossa atitude é “[...] contínua de questionamento e de construção de novas possibilidades”, sendo esse “[...] constante resgate das vozes e histórias silenciadas desde o processo “fundatório” [...]” das Américas (MULLER, 2018, p. 39, destaque original).

A arte deve ser repensada e entendida como uma área do conhecimento que não se furtou ao processo de colonização. Sendo assim, cabe questionar o processo colonizador em sua amplitude. Compromissados com o combate às injustiças geradas, é necessário repensar também nossos currículos, símbolos do epistemicídio (CARNEIRO, 2005). Sugerimos a busca pela Ecologia dos Saberes (SANTOS, 2007) que, além de repensar de onde ou quem reproduz os conhecimentos, nos diz sobre as diversas formas de aprender, inclusive o próprio corpo, um dos principais meios da expressão artística.

Entendendo que as mulheres zapatistas usam a arte enquanto um instrumento historiográfico, dando expressão a uma história pouco conhecida e que tanto nos diz sobre a história de toda a América Latina, sobretudo das mulheres, é ressaltada a possibilidade de tê-las em nossos currículos a fim de trazer à tona a luta/arte de um povo latino-americano.

As obras das mulheres zapatistas são caminhos de resistência, autoconhecimento e conhecimento de suas histórias. Elas ultrapassam seus próprios contextos, trazendo o histórico de uma parcela expressiva de mulheres latino-americanas que sofrem com a violência doméstica, maternidade, desemprego e preconceitos étnicos-raciais. Somando suas pautas aos demais companheiros e às diversas lutas por justiça no mundo, entendendo que a luta é conjunta. As artes são “*quienes cavan en lo más profundo del ser humano y rescatan su esencia*”, fazendo uma mudança mais subversiva e inquietante: “*muestrar la posibilidad de otro mundo*” (GALEANO, 2016). E que seja um mundo onde caibam todos os outros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Gabriel Rodrigues de. **Analisando o movimento zapatista à luz da decolonialidade**. 2019. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana/MG, 2019. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/2251>. Acesso em: nov. 2019.

ARROYO, Miguel G. Os movimentos sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 55, p. 47-68, jan/mar. 2015.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental**: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor. 2000. Tese

(Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33046/000270280.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: nov. 2019.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Valter (Org.). **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. 1, 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Seção 1, p. 6377. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: out. 2019.

BRASIL. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: out. 2019.

BRASIL. Dos níveis e das modalidades de educação e ensino. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 2007.

CABRERA, Aluminé. Mujeres que cantan, mujeres que pintan, mujeres que danzan, que actúan, que rapean, que declaman poesía haciendo propio el dolor de tantas. Mujeres que acompañan a otras mujeres que están solas, vulnerables. **La tinta**: periodismo hasta mancharse, Córdoba, 27 jul. 2017.

CARACOL DE LA REALIDAD. **Mujer valiente**. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=22326>. Acesso em: jul. 2019.

CARACOL DE MORELIA. **La explotación y la rabia que se transforman en rebeldía**. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=22326>. Acesso em: jul. 2019.

CARACOL DE OVENTICK. **El maltrato y el derecho a las mujeres**. 2017. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=22326>. Acesso em: jul. 2019.

CARACOL DE ROBERTO BARRIOS. **Para que sepa el mundo entero**. 2017. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=22326>. Acesso em: jul. 2019.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757>. Acesso em: nov. 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a30-do-outro-como-nc3a30-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: out. 2019.

CASTILLO, Rosalva Aída Hernández. Entre el etnocentrismo feminista y el esencialismo étnico. Las mujeres indígenas y sus demandas de género. **Debate Feminista**, año 12, v. 24, p. 206-229. 2001.

CONGRESSO NACIONAL INDÍGENA. **Que es el CNI?**. México, 2017. Disponível em: <https://www.congresonacionalindigena.org/que-es-el-cni/>. Acesso em: out. 2019.

COSTA, Rachel. Após o fim da arte europeia: uma análise decolonial do pensamento sobre a produção artística. **DoisPontos**, [S.l.], v. 15, n. 2, nov. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/62705>. Acesso em: nov. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari; LIBÂNEO, Daniela Leonardi, SARDO, Fábio; FERRARI Pascoal Fernando. **Por toda pArte**: volume único. 1. ed. São Paulo: FTD, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRENDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina; BOZZANO, Hugo Barbosa. **Arte em interação**. 1 ed. São Paulo: IBEP, 2013.

GALEANO, Subcomandante Insurgente. **Las artes, las ciencias, los pueblos originários y los sótanos del mundo**. Ejército Zapatista de Liberación Nacional. Altos de Chiapas, 2016. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2016/02/28/las-artes-las-ciencias-los-pueblos-originarios-y-los-sotanos-del-mundo/>. Acesso em: jul. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais: educação e descolonização dos currículos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: out. 2019.

GOMÉZ, Francisco de Parres. Continuidad entre la ciencia y el arte en el movimiento Zapatista: una mirada desde la complejidad. **Revista Digital Universitaria**, v. 19, n. 2, marzo-abril, 2018. Disponível em: <http://www.revista.unam.mx/2018v19n2/continuidad-entre-la-ciencia-y-el-arte/>. Acesso em: jul. 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

HILSENBECK, Alexander Maximilian. Arte e estética política zapatista: o I Festival CompArte pela Humanidade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 39, p. 77-92, dez.

2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/download/35879/pdf>.  
Acesso em: jul. 2019.

LA TINTA. **El zapatismo y la estética de la reiteración**. 2014. Disponível em:  
<https://latinta.com.ar/2017/08/ezln-la-estetica-la-reiteracion/>. Acesso em: jul. 2019

LA TINTA. **CompArte por la Humanidad en Chiapas: sororidad y resistencia**. 2017.  
Disponível em: <https://latinta.com.ar/2017/07/comparte-la-humanidad-chiapas-sororidad-resistencia/>. Acesso em: jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-  
posições, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-  
estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCOS, Sylvia. **Mujeres, indígenas, rebeldes, zapatistas**. México: Ediciones y Gráficos  
Eón, 2011.

MARCOS, Sylvia. **Actualidad y Cotidianidad: La Ley Revolucionaria de Mujeres del EZLN,**  
Mujeres y la Sexta. 2014. Disponível em: [https://www.vientosur.info/IMG/pdf/la\\_ley\\_](https://www.vientosur.info/IMG/pdf/la_ley_revolucionaria_de_mujerescideci.pdf)  
[revolucionaria\\_de\\_mujerescideci.pdf](https://www.vientosur.info/IMG/pdf/la_ley_revolucionaria_de_mujerescideci.pdf). Acesso em: jun. 2019.

MÉNDEZ, Christian Fernando Camacho. **Educación y sustentabilidade en la construcción  
de la autonomía**. Tese (Mestrado em Ciências em Desenvolvimento Sustentável e Gestão  
de Riscos). Faculdade de Engenharia, *Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas*, Tuxtla  
Gutiérrez, Chiapas, 2018. Disponível em:  
<https://repositorio.unicach.mx/handle/20.500.12753/659> . Acesso em: nov. 2019.

MENDOZA, Brenny. La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo  
latinoamericano. In: MIÑOSO, Yuderlys Espinosa (Coord.). **Aproximaciones críticas a las  
prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano**. 1 ed. Buenos Aires: En la  
Frontera, 2010. p. 19-36.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. (Coord.). **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-  
políticas del feminismo latinoamericano**. 1 ed. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.  
Disponível em: <https://searchworks.stanford.edu/view/8793772>. Acesso em: set. 2019.

MORAES, María Lygia Quartim. Da subversão à institucionalização. In: MIÑOSO, Yuderlys  
Espinosa (Coord.). **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo  
latino-americano**. 1 ed. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Decolonialidade e desobediência docente em Artes  
Visuais. In: 25º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES  
PLÁSTICAS. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: [http://anpap.org.br/naais/2016/](http://anpap.org.br/naais/2016/comites/ceav/eduardo_moura.pdf)  
[comites/ceav/eduardo\\_moura.pdf](http://anpap.org.br/naais/2016/comites/ceav/eduardo_moura.pdf). Acesso em: nov. 2019.

MOVIMIENTO CAMPESINO INTERNACIONAL. La via campesina. Disponível em: <https://viacampesina.org/es/>. Acesso em: jul. 2019.

MULLER, Anelise de Oliveira. **O corpo feminino**: uma leitura imagética decolonial da mulher na arte brasileira. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4270/TCC%20Anelise%20de%20Oliveira%20M%C3%BCller.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: nov 2019.

OYARZÚN, Kemy. Feminismos latinoamericanos: interseccionalidad de sujetos y relaciones de poder. In: MIÑOSO, Yuderlys Espinosa (Coord.). **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latino-americano**. 1 ed. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.

POSO, F.F.; MONTEIRO, B.A.P. A perspectiva decolonial nos cursos de formação de professores: uma revisão de literatura. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-18, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/75>. Acesso em: nov. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. Las artes, las ciencias, los pueblos originarios y los sótanos del mundo. **Enlace Zapatista**, 28 fev. 2016. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2016/02/28/las-artes-las-ciencias-los-pueblos-originarios-y-los-sotanos-del-mundo/>. Acesso em: nov. 2019.

ZAGATO, Alessandro; ARCOS, Natalia. El Festival “Comparte por la Humanidad”. Estéticas y poéticas de la rebeldía en el movimiento Zapatista. **Páginas**: revista digital de la Escuela de Historia – Universidad Nacional de Rosario, n. 21, p. 74-101, 2017. Disponível em: <http://biblioteca.puntoedu.edu.ar/handle/2133/12074>. Acesso em: nov. 2019.

Enviado em: 06-07-2021

Aceito em: 16-11-2021

Publicado em: 20-11-2021